

MUCRAKERS E FEMINISMO:

Mulheres escarafunchando o que está por baixo da lama
Muckrakers and feminism

Eduardo Ritter¹

Resumo:

A virada do século XIX para o século XX foi um momento marcante para a história dos Estados Unidos, apresentando reflexos em todo o mundo ocidental. Esse período, que ficou conhecido como a Era Progressista, contou com a forte atuação de jornalistas que estavam preocupados em desvendar escândalos e diferenças em todos os segmentos sociais. Esses jornalistas ficaram conhecidos como muckrakers. Entretanto, nesse grupo, tiveram destaque mulheres que estavam engajadas no movimento feminista. Assim, pergunta-se: quem eram essas jornalistas muckrakers? Objetivando apontar as características dessas personagens importantes da história do jornalismo, optou-se por, através de pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, apresentar analiticamente essas mulheres. Mesmo ainda havendo opressões contra as mulheres na sociedade global até hoje, o trabalho delas foi fundamental para a luta feminista da época e para as conquistas obtidas pelas mulheres dentro e fora do campo jornalístico.

Palavras-chave: História do jornalismo; Muckraker; Feminismo.

Abstract:

The turn of the nineteenth century to the twentieth century was a important point for the history of the United States, presenting reflections throughout the Western world. This period, known as the Progressive Era, had the strong performance of journalists who were concerned with unveiling scandals and differences in all social segments. These journalists became known as “muckrakers”. However, in this group, women who were engaged in the feminist movement

¹ Professor adjunto do Departamento de Ciências da Comunicação (Decom) da Universidade Federal de Santa Maria, *campus* Frederico Westphalen (RS). Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com bolsa PDSE/Capes na New York University (NYU, Estados Unidos). Já atuou em jornais e emissoras de rádio de Porto Alegre e interior do Rio Grande do Sul. É autor do livro *A tribo jornalística de Erico Verissimo* (Unijuí, 2016). E-mail: rittergaucho@hotmail.com.

stand out. So we wonder: who were these women muckrakers journalists? Aiming to point out the characteristics of these important professionals in the history of journalism, it was decided, through a bibliographical research of qualitative character, to present these women analytically. Even though there are oppressions against women in the global society to date, female journalistic work was fundamental to the feminist struggle of the time and to the achievements of women within and outside the journalistic field.

Keywords: Journalism History; Muckraker; Feminism.

Introdução

A investigação e o sensacionalismo no jornalismo são temas abordados frequentemente por jornalistas e pesquisadores. Hohlfeldt (2015) faz uma crítica às leituras que ficam apenas na superfície da temática: “Os estudos sobre o sensacionalismo no jornalismo são antigos e, embora tecnicamente corretos, na maioria dos casos preconceituosos” (Hohlfeldt, 2015, p.14), afinal, conforme salienta o autor, muitos desses pesquisadores consideram a prática sensacionalista como um desvio da boa reportagem. Ora, Amaral (2006) já apresentava a diferença entre o popular e o sensacional: um jornal pode ser popular sem ser sensacional. Rauch (2015), em seu estudo sobre a imprensa sensacionalista no Rio Grande do Sul, por sua vez, demonstra que essa prática jornalística é desenvolvida tanto pela chamada imprensa de referência, quanto pela popular. Feitas essas breves considerações para demonstrar a visão partilhada aqui, ou seja, a que não enxerga o sensacionalismo como sinônimo de mau jornalismo, volta-se à historicidade dessa prática na imprensa ocidental.

Um exemplo que ilustra essa questão é o grupo de jornalistas norte-americanos que surge na virada do século XIX para o século XX, período conhecido como Era Progressista nos Estados Unidos, que ficou marcado na história da imprensa por praticar um jornalismo voltado a desvendar escândalos. Esses profissionais da imprensa, que ficaram conhecidos como *muckrakers*, produziram textos e adotaram técnicas que transitavam entre a investigação e o sensacionalismo. Foi nesse contexto que alguns

praticantes desse tipo de jornalismo tiveram que superar outras barreiras para conquistar espaço no campo jornalístico da época: as mulheres jornalistas que viviam em um período em que se discutia, por exemplo, o direito que as pessoas do sexo feminino tinham ao voto. Destarte, para escarafunchar o que estava por baixo da lama na sociedade do período (termos que originaram a expressão *muckraker*), a maioria dessas repórteres também se engajaram às causas feministas.

A atuação dessas mulheres no jornalismo foi muito importante para o movimento feminista da época, além de deixar como herança para as futuras gerações um vasto trabalho de jornalismo investigativo e obras voltadas para problemas sociais que seguem em debate na contemporaneidade. Para produzir tais obras, cada uma dessas jornalistas teve que enfrentar o preconceito de editores, diretores e leitores de jornais e revistas. Algumas delas, inclusive, assinavam suas matérias com nomes masculinos para não sofrerem retaliações. Apresenta-se, então, a seguinte questão norteadora de pesquisa: quem eram essas jornalistas e como elas conquistaram o seu espaço dentro do campo jornalístico atuando de maneira engajada no movimento feminista do período? Como objetivo geral, o presente estudo busca fazer um levantamento para identificar essas jornalistas para, posteriormente, observar como foi a atuação delas dentro do grande grupo de repórteres que ficou conhecido como *muckraker*. Foram definidos os seguintes objetivos específicos: contextualizar historicamente a Era Progressista Americana, apresentar quem foram os *muckrakers* e identificar e analisar como se deu a atuação das jornalistas femininas nesse contexto.

Para dar conta desse período tão rico da história do jornalismo ocidental, inicialmente é apresentada uma breve contextualização histórica dos Estados Unidos do final do século XIX e início do século XX, bem como a situação dos jornais e revistas da época que abrigavam os *muckrakers*. Para tanto, a obra de Reese (2010) é imprescindível. Posteriormente, é apresentada a origem do termo *muckraker* bem como as principais características que os jornalistas que praticavam esse estilo possuíam. Por fim, serão

apresentadas, em uma contextualização histórica analítica, as jornalistas feministas que integraram esse grupo.

A busca pela resposta ao problema proposto se dá, basicamente, através de pesquisa bibliográfica, que é feita quando as perguntas devem estar direcionadas para os autores, “ou seja, se o desejo é formular e encontrar respostas em fontes bibliográficas do campo da educação e outros campos do saber” (Teixeira, 2005, p.118). Esse é o principal recurso metodológico do presente artigo. Essa pesquisa também se caracteriza como sendo descritiva e de tipo exploratória, desenvolvida com base na pesquisa qualitativa, ou seja, trabalhando com o universo de significados, aspirações, crenças, valores, que dizem respeito a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos e processos, e que não são perceptíveis em números, equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994). Ainda sobre o aspecto metodológico, vale ressaltar que é partilhada no presente texto a perspectiva de Feyerabend (2003), que salienta que nenhum processo metodológico deve ser ignorado durante a realização da pesquisa, observando que a definição prévia de uma metodologia fechada pode privar o estudo de chegar a pontos importantes sobre o tema abordado. Também é necessário esclarecer que todas as citações em inglês foram traduzidas pelo autor.

1. Era Progressista e imprensa norte-americana

A situação social e histórica vivida pelos Estados Unidos na virada do século XIX para o XX, período que ficou conhecido como a Era Progressista, foi fundamental para o aparecimento dos *muckrakers*. A transição de século não foi apenas um marco numérico simbólico, mas sim, representou mudanças de costumes, de valores e da geografia dos Estados Unidos.

Enquanto em 1800 o território americano era um aglomerado de pequenos estados isolados vivendo na situação de país independente, na chegada de 1900 o país já tinha

passado por uma devastadora Guerra Civil². Além disso, os Estados Unidos já se tornavam uma potência de caráter imperialista que andava a passos largos para se firmar como o maior parque industrial do planeta.

O século XX tinha assistido a uma extraordinária expansão territorial, um fluxo de imigrantes sem precedentes e a ascensão de um discurso democratizante que ainda não atingia, de fato, mulheres e negros. Dada como presente pelos franceses aos EUA em 1886, a Estátua da Liberdade guardava a entrada de Nova York e saudava as massas despossuídas do planeta (como diz a inscrição na base do movimento). A indústria tinha se expandido como o território, e o racismo e a exclusão social continuavam, mas os norte-americanos haviam formado uma nação a partir de milhares de cacos (Karnal; Purdy, Fernandes; Morais, 2011, p.170).

Conforme os mesmos autores, o país, que, em 1800, tinha 16 estados, em 1900, já contava com 45, mantendo a mesma Constituição e sonhando com um grande futuro pela frente. Nesse contexto, os jornais e revistas se tornavam porta-vozes fundamentais à população para que ela acompanhasse tudo o que acontecia em solo norte-americano.

A popularização da imprensa nesse período foi marcada não apenas pelo conteúdo produzido pelos *muckrakers*, que eram considerados, por muitos, como sensacionalistas, no sentido popular do termo, mas também pela redução do preço unitário de cada jornal, que passaram de 35 centavos de dólar o exemplar para 10 centavos (Burbage, Cazemajou e Kaspi, 1973). Isso foi impulsionado pelo momento econômico vivido pelos Estados Unidos no período, pois com o aumento do custo de vida do norte-americano, os jornais tiveram que baixar o preço para aumentarem as vendas: “O custo de vida também

² A Guerra Civil norte-americana ocorreu entre 1861 e 1865. O conflito foi o que causou mais mortes de norte-americanos, num total estimado em 970 mil pessoas, sendo que 618 mil eram soldados. A guerra consistiu na luta entre 11 Estados Confederados do Sul latifundiário, aristocrata e defensor da escravidão, contra os Estados do Norte industrializado, onde a escravidão tinha um peso econômico bem menor do que no Sul (Karnal; Purdy, Fernandes; Morais, 2011).

aumentou de uma taxa de 75% em 1891 para 100% em 1900, um crescimento de 25%” (Lukacs, 2006, p.104).

Foi nesse contexto que surgiu uma das revistas que mais formou e recebeu *muckrakers* em sua redação: a *Collier's Weekly*, fundada em 1888 por Peter Collier Felon e que circulou até 1957. Essa revista ficou mais conhecida na entrada do século XX, quando Norman Hapgood se tornou editor em 1903, e levou para a empresa muitos escritores importantes. Dentre eles, estavam nomes como Jack London³, que em maio de 1906 foi destacado para cobrir o terremoto de São Francisco, em um relatório acompanhado de 16 páginas de fotos (Emery, 1965).

Entrementes, a revista que desempenhou o papel mais importante nessa mudança de estilo do jornalismo norte-americano foi a *McClure's Magazine*, fundada em julho de 1893 por Samuel Sidney McClure e Sanborn John Phillips, que obrigou as suas rivais, como a *Munsey's* e *Cosmopolitan*, a baixarem seus preços a 10 centavos de dólar também. Esses novos veículos impressos foram fundamentais para dar impulso às mudanças sociais que estavam ocorrendo nos Estados Unidos na época:

Os ganhos, contradições e limitações do impulso progressista também foram evidentes em movimentos pela reforma urbana e política. Novos jornais e revistas de grande circulação, como a *McClure's Magazine*, contribuíram para o ambiente de dissenso ao investigar e publicar matérias sobre a pobreza nas cidades e a corrupção na política (KARNAL; PURDY, FERNANDES; MORAIS, 2011, p. 190).

A revista também contava com alguns dos principais *muckrakers*, como Ray Stannard Baker e Ida Tarbell, apresentada mais adiante. Vale ressaltar que, apesar de

³ Jack London (1876-1916) foi um jornalista e escritor autor de diversos livros, alguns traduzidos para o português, como o romance *Caninos brancos* (1906) e *O chamado da floresta* (1903), todos tendo como pano de fundo os problemas sociais da sociedade americana (LONDON, 2011).

inovar com a redução do preço, a *McClure's* não foi a primeira na história americana a investir em matérias investigativas. A diferença principal é que seus predecessores produziam matérias com estilo mais próximo da literatura. Nesse sentido, outras revistas como a *Century* e a *Atlantic Monthly*, já faziam essa prática (Emerey, 1965). A *McClure's* se destacou por iniciar algumas coberturas históricas, como as reportagens feitas sobre o conflito das famílias Hatfield e Mccoys, que iniciou ainda no fim da Guerra Civil, e que durou três décadas, na divisa entre os estados de West Virgínia e Kentucky. “Em 1904, a *McClure's Magazine*, uma revista nacional famosa por praticar jornalismo *muckraker*, começou a cobrir o conflito entre os dois feudos” (King, 2012, p.342)

Outra revista importante da época que também empregou diversos *muckrakers* foi a *Cosmopolitan*. Fundada em 1886, ela passou a praticar esse tipo de jornalismo apenas em 1905, quando William Randolph Hearst, proprietário da *Hearst Corporation*⁴, a adquiriu. Assim como a *McClure's*, a *Cosmopolitan* também contou com alguns dos principais *muckrakers* do período.

Por fim, outro jornal que se tornou a casa de muitos *muckrakers*, sendo lembrado até hoje como um dos principais da história do jornalismo norte-americano, foi o *New York World*, de Joseph Pulitzer (1847-1911). Antes de comprar esse jornal, Pulitzer, que era um imigrante judeu austríaco que chegou aos Estados Unidos em 1864, aos 17 anos, para lutar na Guerra Civil, começou sua carreira no *Westliche Post*, um jornal de língua alemã (SCHUDSON, 2010). Devido ao seu sucesso no jornalismo e na política, Pulitzer comprou em 1878 o *St. Luis Post and Dispatch*. Já nesse jornal, Pulitzer tinha como foco a classe média, fazendo das “manchetes surpreendentes e das denúncias políticas uma

⁴ *Hearst Corporation* é um grupo de meios de comunicação com sede na Hearst Tower, em Manhattan Nova York. Ela foi fundada por William Randolph Hearst, que era um proprietário de jornais, e que hoje possui participações em uma ampla variedade de mídias (REESE, 2010).

característica constante de seu jornal, estimulando a circulação e, provavelmente, mudando a cidade para melhor” (SCHUDSON, 2010, p.111).

Em 1883, Pulitzer comprou o *New York Herald*, um jornal que teve bons momentos nas duas últimas décadas, mas estava em uma fase difícil, tendo em torno de 15 mil exemplares de circulação. Um ano depois de Pulitzer assumir o comando da empresa, esse número saltou para 60 mil, e em 1886 passava de 250 mil. Como salienta Schudson (2010), o sensacionalismo, no sentido popular do termo, praticado por esses veículos não era algo revolucionário, pois matérias relacionadas a crimes e escândalos já vinham da tradição das *pennys press*, que eram os jornais vendidos no início do século XIX a um centavo e que cobriam, principalmente, crimes, tragédias e fofocas. Feita essa breve contextualização sobre a imprensa norte-americana do período, a seguir é apresentada a origem e o conceito do termo *muckraker*.

2. Os *muckrakers*

O termo *muckraker* surgiu a partir da união da palavra inglesa *muck* (sujeira, esterco, imundície, porcaria) e *raker* (investigador, escarafunchador). Ou seja, a palavra foi utilizada para designar aquele que mexe e procura em meio à sujeira. Conforme Reese (2010), o termo foi criado pelo então presidente norte-americano Theodore Roosevelt⁵ durante um discurso proferido em 14 de abril de 1906, em uma referência à imprensa popular que estava realizando uma série de denúncias e investigações contra a elite norte-americana sem poupar quem quer que fosse.

⁵ Theodore Roosevelt (1858-1919) foi o 26º presidente dos Estados Unidos, cumprindo mandato de 1901 até 1909 (KARNAL; PURDY, FERNANDES; MORAIS, 2011).

Para isso, o presidente norte-americano se baseou em um personagem do clássico de John Bunyan, *O peregrino* (1678), que é uma obra que faz uma alegoria à vida cristã. Em seu discurso, Roosevelt comparou os jornalistas com um personagem do romance, que não quis olhar para a coroa celestial que lhe havia sido oferecida em razão de suas denúncias. Ao invés disso, ele continuou a cavar na lama. Para que não se perca o sentido original do discurso do então presidente norte-americano, optou-se por utilizar aqui um trecho do texto em inglês, sem tradução:

... you may recall the description of the Man with the Muck-rake, the man who could look no way but downward with the muck-rake in his hands; Who was offered a celestial crown for his muck-rake, but who would neither look up nor regard the crown he was offered, but continued to rake to himself the filth of the floor (Reese, 2010, p.2).

Na mesma explanação, Roosevelt enfatizou o benefício social que os relatórios de investigação poderiam ter:

Há, no corpo político, econômico e social, muitos e graves males, e há uma necessidade urgente de uma guerra severa contra eles. Deveria ser implacável a exposição e o ataque a todo o mal homem político ou de negócios, ou em sua vida social. Eu saúdo como um benfeitor cada escritor ou *speaker*, todo homem que, na plataforma, ou na revista, livro, ou jornal, com severidade implacável faz tal ataque, desde que sempre, por sua vez, o ataque é de uso exclusivo e absoluto da verdade (REESE, 2010, p.2).

Em seu livro *The early muckrakers*, Reese (2010) apresenta uma sistematização de alguns dos principais *muckrakers* do final do século XIX e início do século XX. A autora também apresenta a definição do termo, baseada nesse levantamento e também na origem da denominação:

Um *muckraker* é, primeiramente, um repórter ou escritor que investiga e publica relatórios verdadeiros que envolvem uma série de questões sociais, em geral, incluindo o crime e a corrupção e, muitas vezes envolvendo autoridades eleitas, líderes políticos e membros influentes do comércio e da indústria. O termo está intimamente associado com um

número de escritores importantes que surgiram entre as décadas de 1890 e de 1930, um período mais ou menos simultâneo com a Era Progressista nos Estados Unidos (REESE, 2010, p.2).

Esses escritores e jornalistas focaram seus textos principalmente em questões referentes aos problemas sociais, mas que vão desde “processamento e embalagem de carne de gado; medicamentos patenteados; trabalho infantil; salários, trabalho e condições de trabalho na indústria e na agricultura” (REESE, 2010, p.2).

Houve casos em que as revelações dos *muckrakers* resultaram em protestos públicos, investigações governamentais e legais. Segundo Reese (2010), em alguns casos a legislação chegou a ser promulgada para atender às questões relacionadas aos temas identificados pelos *muckrakers* que eram prejudiciais à sociedade norte-americana. Esses temas iam desde práticas trabalhistas injustas e fraudes até casos de assédio sexual.

Ressalta-se mais uma vez que o aparecimento dos *muckrakers* ocorreu em um momento de protestos e de questionamentos sociais, em que a elite que detinha a maior quantidade da riqueza defendia a tese de que esse era o estado natural das coisas. “Não é surpresa que, em 1904, 318 corporações poderosas controlassem 40% da indústria nacional” (KARNAL; PURDY, FERNANDES; MORAIS, 2011, p.177). O banqueiro J.P. Morgan, por exemplo, participava da diretoria de 48 corporações, conforme foi apurado pelo Senado dos Estados Unidos em 1903; enquanto que o presidente da *Standard Oil*, John D. Rockefeller, atuava em 37, e ambos, mesmo com todo o poderio político e econômico, não foram poupados pelos *muckrakers*, sendo temas de matérias e alvo de denúncias, afinal, “a grande riqueza dos chamados *capitães de indústria* não foi compartilhada com os trabalhadores” (KARNAL; PURDY, FERNANDES; MORAIS, 2011, p.177). Grande parte dos trabalhadores era formada por mulheres e crianças, que recebiam salários menores, fato esse que também ganhava destaque na pena dos *muckrakers*.

Outro fenômeno que influenciou na formação desse quadro foi o grande número de imigrantes que os Estados Unidos continuaram recebendo na chegada do século XX, assunto esse que foi abordado por alguns dos *muckrakers*. Inclusive, o crescimento econômico norte-americano dependia de mão de obra em massa e, preferencialmente, barata. Com os grandes movimentos populacionais do fim do século XIX no mundo, vários imigrantes chegavam expulsos de seus países pelo crescimento demográfico, modernização agrícola e opressão política e religiosa. “25 milhões de imigrantes chegaram aos Estados Unidos, entre 1865 e 1915, um contingente mais de quatro vezes superior aos dos 50 anos anteriores” (KARNAL; PURDY, FERNANDES; MORAIS, 2011, p.177). Esse fato influenciou na formação de novos grupos de minorias que se mobilizavam para mudar o sistema da sociedade norte-americana da época.

Foi justamente nesse contexto histórico que, na virada do século XIX para o XX, foi registrado aumento no tipo de reportagens que viriam a ser chamadas de *muckraking*. Essas reportagens ganharam espaço na imprensa americana em revistas como *Collier's Weekly*, *Munsey's* e *McClure's*, que, como ressaltou-se anteriormente, já contavam com ampla circulação e “eram lidas avidamente pela crescente classe média” (REESE, 2010, p.2). Feitas essas considerações, apresentar-se-á uma contextualização analítica das jornalistas que integraram esse grupo que ficou conhecido na história da imprensa ocidental como *muckrakers*, afinal, entende-se que elas tiveram uma participação importante na trajetória que a sociedade traçou com o passar das décadas para reduzir as diferenças legais e de tratamento entre homens e mulheres.

3. As muckrakers-feministas

O aparecimento dos *muckrakers* está diretamente relacionado ao contexto histórico, político e cultural da virada do século XIX para o século XX. Algumas jornalistas atuaram de forma engajada ao movimento feminista, fazendo as suas matérias investigativas voltadas para questões relacionadas à luta dos direitos das mulheres. Outras

atuaram mais no sentido de investigar outros problemas sociais vividos pelos norte-americanos no período, mas, mesmo nesse caso, elas tiveram papel de destaque por ocuparem um espaço que era quase exclusivo dos homens: a reportagem. Nesse sentido, foram identificadas quatro jornalistas mulheres a partir do levantamento dos principais *muckrakers* do período feito por Reese (2010): Elizabeth Jane Cochran, Helen Maria Hunt Jackson, Frances Alice Kellor e Ida Minerva Tarbell. Antes de serem apresentadas as sínteses de seus trabalhos como *muckrakers*, será feita uma breve contextualização do que foi e o que representou o feminismo para a época.

Inicialmente, vale ressaltar que o feminismo, como salienta (KARNAL; PURDY, FERNANDES; MORAIS, 2011), não foi um movimento centralizado, ou seja, havia diversas organizações feministas que defendiam bandeiras variadas. A tendência predominante no século XIX foi a luta pela defesa das mulheres para garantir os seus direitos naturais. Ou seja, “que o papel desempenhado pela mulher como mãe, esposa, irmã e filha seria *suplementar* ao seu papel mais amplo e mais importante de cidadã da nação” (KARNAL; PURDY, FERNANDES; MORAIS, 2011, p.188).

No início do século XX essa mobilização começou a sofrer algumas alterações, com mensagens mais moderadas, enfatizando o instinto materno e as habilidades específicas que as mulheres tinham no cuidado com as crianças e com o lar. O argumento passou a ser de que as mulheres, por natureza e virtude, teriam capacidade para cuidar eficientemente das políticas do país. Com esse discurso, a Associação Nacional de Sufrágios para as mulheres chegou ao número de dois milhões de membros filiados em 1917 (KARNAL; PURDY, FERNANDES; MORAIS, 2011).

Após a mobilização popular liderada pelas feministas, a publicação de obras literárias e de matérias na imprensa, principalmente através dos *muckrakers*, que as mulheres conseguiram inserção no debate nacional sobre reformas sociais e, conseqüentemente, obtiveram o direito ao voto em 1920 com uma Emenda à

Constituição. Todavia, essa conquista não chegou a resolver todos os problemas na qual os diversos movimentos feministas da época procuravam resolver.

A conquista do sufrágio feminino foi uma vitória contraditória. Junto com os esforços bem-sucedidos de mulheres em campanhas sociais (a favor de crianças, doentes e miseráveis, por melhores condições de moradia) e no movimento sindical da época, representou um fundamental primeiro passo na luta contra discriminação de gênero. Por outro lado, a ênfase no voto limitou a luta feminista à busca desse direito político formal, colocando em segundo plano o problema das desigualdades de classe (KARNAL; PURDY, FERNANDES; MORAIS, 2011, p.189).

Nesse contexto que algumas jornalistas passaram a atuar ativamente e, devido a força e repercussão de seus textos, também acabaram sendo incluídas no grupo que ficou conhecido como os primeiros *muckrakers* da imprensa norte-americana.

A primeira *muckraker* a ser apresentada é Elizabeth Jane Cochran (1864-1922), que ficou mais conhecida pelo pseudônimo de Nellie Bly. Conforme Reese (2010), ela é considerada por muitos como a *muckraker* mais original da história da imprensa americana devido a publicação de seu livro *Dez dias no hospício*. Nessa obra, ela faz uma cobertura investigativa sobre abusos que sofriam as pacientes do Bellevue Mental Hospital, em 1887. Para fazer a reportagem, ela se inseriu no manicômio, praticando um jornalismo investigativo, que se diferencia dos demais setores da atividade pelas “[...] circunstâncias, normalmente mais complexas, dos fatos, sua extensão noticiosa e o tempo de duração que, necessariamente, deve ser maior, embora quase sempre exercido sobre pressão” (Fortes, 2010, p.35). Primeiro foi publicada uma série de artigos no jornal *The World* para posteriormente os textos serem lançados em forma de livro.

O início da carreira de Nellie como jornalista foi um tanto curioso. Tudo começou quando ela enviou uma carta revoltada ao editor de uma coluna do jornal *Pittsburgh Dispatch*. Como estava procurando emprego, ela acabou aceitando o convite que o editor

fez para que se tornasse repórter do jornal. Foi esse mesmo editor que sugeriu o seu pseudônimo, afinal, as mulheres não assinavam suas matérias, a não ser nas páginas femininas. A qualidade da referida carta que gerou a contratação foi assinada como *a órfã solitária*. “Ele [o editor] ficou tão impressionado com a sua sinceridade de espírito, que lhe pediu para juntar-se à equipe do jornal” (REESE, 2010, p.11).

Ingressando no jornal, Nellie dedicou os primeiros trabalhos na investigação da situação das mulheres trabalhadoras, escrevendo uma série de reportagens sobre trabalhadores de fábricas do sexo feminino. Após isso, o editor acabou tentando transferi-la para a seção feminina do jornal. Dessa forma, ela trocou o *Pittsburgh Dispatch* pelo *New York World*. Foi justamente no jornal de Pulitzer que Nellie fez o seu trabalho sobre o sanatório de mulheres, mostrando as condições inumanas que as pacientes do local enfrentavam. Esse foi o primeiro de muitos trabalhos investigativos voltados para questões relacionadas às causas feministas.

Outro texto clássico de Nellie foi a sua matéria sobre a volta ao mundo, inspirada no livro *A volta ao mundo em 80 dias*, de Júlio Verne. A partir desse desafio, a repórter deu a volta ao mundo em 72 dias, seis horas, onze minutos e 14 segundos no dia 25 de janeiro de 1890, estabelecendo novo recorde mundial. Mesmo tendo sua marca superada poucos meses depois, essa aventura serviu como base para as suas matérias jornalísticas que entrariam para a história da imprensa americana. Outro fato que chamou a atenção na época foi que a viagem foi feita sozinha, sem nenhum homem a acompanhando.

Em 1895, Nellie Bly casou-se com um milionário, Robert Seaman, interrompendo temporariamente o seu trabalho como repórter. Ela só voltou a atuar como jornalista em 1913, alguns anos depois da morte do marido, para cobrir uma convenção feminista. Posteriormente ela cobriu a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial e seguiu trabalhando como jornalista até a morte, decorrente de pneumonia, em 1922.

Outra *muckraker* que ficou conhecida na mesma época foi Ida Minerva Tarbell (1857-1944) que, além de jornalista, também atuou como professora e escritora. Assim como Nellie Bly, Ida é considerada um dos principais *muckrakers* da primeira geração, sendo uma das precursoras do jornalismo investigativo na imprensa americana. Um de seus livros mais conhecidos é *A história da Standard Oil Company*, publicado em 1904, que apareceu dentre os 100 trabalhos jornalísticos mais importantes do século XX em uma lista publicada pelo *New York Times*. Ela começou com essa reportagem após iniciar um trabalho sobre trustes, a pedido dos editores da *McClure's*.

Então, em um conto de inspiração para jornalistas, Ida Tarbell foi trabalhar. Sua *História da Standard Oil Company* destacou as práticas de Rockefeller e mobilizou o público. Leitores em todo o país aguardavam cada capítulo da história, serializado em 19 capítulos pela *McClure*, entre 1902 e 1904 (REESE, 2010, p.103).

Na época, Tarbell enfrentou os mesmos desafios que jornalistas investigativos contemporâneos enfrentam: a tentativa de bloquear o acesso à informação, ameaças de morte e, ainda, sofria o preconceito por ser mulher. Não obstante, a jornalista conseguiu reunir provas e apresentou um texto convincente condenando o monopólio das grandes empresas. Ida Tarbell seguiu trabalhando com jornalismo investigativo na fase posterior, desenvolvendo outros trabalhos até a sua morte por pneumonia aos 83 anos.

Helen Maria Hunt Jackson (1830-1885), por sua vez, ficou conhecida por seu livro *Ramona*, um romance que trata dos maus-tratos infligidos aos nativos americanos e que se tornou filme posteriormente. Vale ressaltar o contexto em que os Estados Unidos viviam, pois a guerra civil foi “a guerra mais letal e mais custosa da história dos Estados Unidos” (Karnal; Purdy, Fernandes; Morais, 2011, p.136), deixando mais de 900 mil mortos. Sobre essa mesma temática, Helen Jackson escreveu artigos para os jornais se dirigindo diretamente aos funcionários do governo. Em 1882, ela publicou o livro *Um século de desonra*, sobre os efeitos adversos das ações do governo e encaminhou uma

cópia para cada membro do congresso americano. Mesmo tendo falecido antes da virada do século, o seu engajamento político e a influência que teve sobre os outros *muckrakers* permite a sua classificação como integrante do grupo que desenvolvia essa prática jornalística na Era Progressista americana.

Enquanto a preocupação de Helen Jackson era a política do governo voltada aos nativos, Frances Alice Kellor (1873-1952) dedicou o seu trabalho jornalístico para investigar a questão do feminismo e também dos imigrantes, tendo em vista que havia um preconceito grande dos norte-americanos em relação às pessoas vindas de outros países. Esse preconceito, inclusive, transparecia nas políticas públicas do governo. “Em 1882, o Congresso proibiu a entrada de chineses, presidiários, indigentes e criminosos (lista posteriormente acrescida de anarquistas e outros *elementos indesejáveis*)” (KARNAL; PURDY, FERNANDES; MORAIS, 2011, p.154). Devido ao seu engajamento nas questões referentes à imigração, com destaque para a sua atuação jornalística, em 1909 Kellor tornou-se secretária e tesoureira da Comissão de Imigração do Estado de Nova York.

Conforme exposto, mesmo aquelas repórteres que não se dedicaram às causas feministas, todas tiveram que enfrentar o preconceito social e também intolerância que a própria legislação americana da época apresentava com determinados grupos sociais. Talvez por isso, aquelas que se destacaram, e que estão inclusas no grupo que ficou conhecido como *muckrakers*, tiveram seus trabalhos tão destacados e entraram para a história da imprensa dos Estados Unidos e do mundo ocidental.

Considerações finais

O presente estudo, que aborda a atuação das jornalistas *muckrakers* na imprensa norte-americana da virada do século XIX para o XX, partiu do interesse maior do autor

sobre a temática. A atuação dessas jornalistas em um momento histórico que foi fundamental para a definição das transições pela qual o jornalismo passaria nas décadas seguintes, até a formação do jornalismo contemporâneo, justifica a importância de um estudo sobre o tema. Além disso, o trabalho feito por essas jornalistas foi importante para que houvesse uma evolução na sociedade que vai desde questões legais – como o direito ao voto – até elementos de tratamento moral – como a assinatura das reportagens com o nome verdadeiro.

O presente artigo também busca romper com um vácuo existente nos estudos sobre jornalismo realizados no Brasil que voltam seus olhos para além das fronteiras, ou seja, para os países que influenciaram na prática jornalística dentro do próprio país. A história da imprensa *muckraker*, e no caso mencionado, das *muckrakers* feministas, envolvem questões que são discutidas no jornalismo brasileiro contemporâneo, como por exemplo, a ética e os limites entre investigação, cobertura de escândalos e sensacionalismo – tanto o popular, quanto a busca pelo sensacional, pelo que não é ordinário, no sentido bourdieusiano do termo. Esses limites são pontos a serem aprofundados em outros estudos, entretanto, ressalta-se novamente que no presente levantamento se objetivou estabelecer a relação entre a atuação de jornalistas investigativas do período histórico estabelecido e o movimento feminista, enquanto fenômeno social. Movimento este que teve um de seus pontos altos nos Estados Unidos da virada dos séculos XIX para o XX, e que se estenderia para outros países do mundo ocidental nas décadas seguintes.

Para além da questão das *muckrakers* feministas, vale lembrar que os *muckrakers* herdaram a principal característica dos *penny press*: a investigação de escândalos. Contudo, enquanto os jornalistas do início do século XIX buscavam escândalos mais sensacionalistas, no sentido popular do termo, voltados para a criminalidade e para as fofocas, os *muckrakers* do final do referido século levaram esse perfil investigativo, com textos que às vezes tendem mais para a literatura e a ficção, para as coberturas sobre

temáticas mais *sérias*, como as que envolvem política, movimentos sociais e outros assuntos já mencionados que estavam em voga durante a Era Progressista.

A influência dos primeiros *muckrakers* nas gerações futuras foi abordada por Reese em *Contemporary Muckrakers* (2010b). Entretanto, essa sistematização da autora inclui jornalistas que se destacaram em uma extensa faixa cronológica, que vai dos anos 1940 aos anos 1990, incluindo autores como Hunter S. Thompson⁶, criador do jornalismo gonzo (Wenner; Seymour, 2007).

Por fim, ressalta-se que os *muckrakers* conseguiram inserir elementos que até hoje não são reconhecidos por muitos teóricos como técnicas jornalísticas, como o uso da ficção e do entretenimento, para abordar temas *sérios* da sociedade. Esse foi um dos principais legados que essa geração deixou e que foram muito bem aproveitados por diversos autores, dentre os quais, Hunter Thompson. Independentemente das ressalvas éticas que frequentemente são feitas a esse tipo de prática jornalística, o fato é que tanto os *muckrakers*, quanto outros jornalistas *não-convencionais*, acreditavam que o jornalismo tem uma função que vai muito além do simples comprometimento com a verdade dos fatos. Para eles, o jornalismo é uma poderosa ferramenta que pode ser usada para combater as injustiças sociais, a corrupção, a hipocrisia, e outros males da sociedade. Para eles os recursos disponíveis vão além de um hipotético relato da realidade. Para esses repórteres a interpretação, o texto e os recursos narrativos são fundamentais para desvendar as injustiças sociais aos seus leitores.

Por isso, tanto as *muckrakers* feministas, quanto os demais, deixaram um legado que não pode ser ignorado pelos profissionais e pesquisadores do campo jornalístico. E as jornalistas aqui apresentadas, mostram que, muito além de influenciar as gerações de futuros/as jornalistas, elas também desenvolveram um significativo trabalho que ajudou

⁶ Hunter S. Thompson (1937-2005) foi um jornalista e escritor norte-americano que ficou conhecido pelo seu estilo extravagante, aperfeiçoado em seu livro mais famoso, *Medo e Delírio em Las Vegas*. Durante décadas atuou em revistas como *Playboy* e *Rolling Stone* (Wenner; Seymour, 2007).

a alterar o ambiente em que elas viviam. Elas questionaram o machismo da sociedade americana, a legislação capenga que imperava e os preconceitos absurdos que todas as mulheres encaravam cotidianamente, trabalhando em condições desiguais em relação aos homens, recebendo menores salários, sofrendo violência, assédios e abusos de todos os tipos. A continuidade de diversos desses problemas na atualidade é a prova que ainda há muito para ser escarafunchado na sociedade pelos/pelas jornalistas contemporâneos.

Referências bibliográficas

- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BURBAGE, Robert; CAZEMAJOU, Jean; KASPI, André. **Os meios de comunicação nos Estados Unidos**: Imprensa, rádio, televisão. Rio de Janeiro: Agir, 1973.
- EMERY, Edwin. **História da imprensa nos Estados Unidos**. EUA: Prentice Hall, 1965.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Editora Unesp, 2003.
- HOHLFELDT, Antonio. **Repensando o jornalismo (dito sensacionalista)**. In:
- RAUSCH, Fábio. O jornalismo sensacionalista na imprensa gaúcha. Caxias do Sul: Educs, 2015.
- KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius. **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Contexto, 2011.
- KING, Dean. **The feud – the Hatfields & Mccoys, the true story**. New York: Back Bay Books, 2012.
- LUKACS, John. **Uma nova república – história dos Estados Unidos no século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- LONDONS, Jack. **Caninos Brancos**. Porto Alegre: LP&M, 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- REESE, Jenny. **The early muckrakers: Nellie Bly, Lincoln Steffens, Upton Sinclair, Ray Stannard Baker, Et. Al.** Webster's Digital. New Delhi: 2010.

_____. **The contemporary muckrakers:** Ralph Nader, Michael Moore, Bob Woodward, Hunter S. Thompson, Et. Al. Webster's Digital. New Delhi: 2010b.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia** – uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

RAUSCH, Fábio. **O jornalismo sensacionalista na imprensa gaúcha.** Caxias do Sul: EducS, 2015.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias.** Petrópolis: Vozes, 2005.

WENNER, Jann S.; SEYMOUR, Corey. **Gonzo:** the life of Hunter S. Thompson. New York: Back Bay Books, 2007.